

ENTRE A LEITURA E A ESCRITA: O DIALOGISMO NA PRODUÇÃO DE TEXTO COMO RESPOSTA A QUESTÕES

Lorena Bischoff Trescastro¹
Cilene Maria Valente da Silva²

Para iniciar

É tarefa dos professores ensinar as crianças a ler e a escrever textos nos anos iniciais de escolaridade. No entanto, para além do ensino das letras, das palavras e das relações grafo-fonêmicas, as interações, as relações com a cultura e as práticas sociais de uso da língua são fundamentais para a apropriação da escrita pela criança (ROJO, 2006). Para tanto, são criadas propostas metodológicas, fundadas na interação verbal, que possam mediar à aprendizagem da criança e provocá-la a escrever textos próprios.

Uma dessas propostas é a formulação de uma consigna com base em questões. Tal proposta pressupõe uma criança leitora que ao ler as questões possa produzir uma resposta escrita. Na interação, há troca entre um eu e um tu, neste caso o diálogo se instaura quando o eu do professor remete as questões a um tu que é a criança e o eu da criança, em resposta às questões, escreve para um tu que é o professor.

É essa atividade de escrita um processo dialógico, uma vez que o diálogo não se restringe apenas à interação face a face, mas, segundo Bakhtin (2009), se estende a toda comunicação verbal.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra 'diálogo' num sentido amplo, isto é não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2009, p. 127).

Neste estudo, a criança é vista como um sujeito capaz de aprender a ler, a compreender e a escrever textos, agir sobre eles e transformá-los, atribuindo-lhes significações novas. E o professor, enquanto sujeito histórico, não é mero reproduzidor do antes feito, mas é capaz de refletir sobre suas práticas e transformá-las para criar condições novas, mais dialógicas, que levem o aluno a aprender a ler e a escrever de modo autônomo.

Entendemos que a escrita de texto a partir de questões possa provocar um trabalho de linguagem ininterrupto que transita da leitura para a escrita em uma sistematização que se faz aberta, pois se constrói no equilíbrio entre exigências opostas, ora tendendo à repetição, ora à diferenciação (GERALDI, 2013). Nossa hipótese é que o texto, produto desta atividade, se encontra marcado pelo molde que as questões direcionam, mas também impregnado de cultura e de subjetividade.

Ao estudarmos textos escritos por crianças, nosso objetivo foi analisar os textos infantis a fim de constatar marcas de repetição, decorrentes da leitura das questões, e marcas de diferenciação, decorrentes de elementos novos que as crianças possam trazer para o texto.

¹ Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil. E-mail: lbtrescastro@hotmail.com.

² Secretaria Municipal de Educação, Belém, Pará, Brasil. E-mail: valentecilene@yahoo.com.br.

Contexto e procedimentos da pesquisa

Para Rojo (2006, p. 11), na escola, o ensino da língua ocorre em “suas relações com a cultura e as práticas sociais, com a interação, com o ensino-aprendizagem”. O *locus* deste estudo é a sala de aula, como um espaço de interação, no qual os sujeitos vivenciam relações sociais, dialogam e exercem influências recíprocas, além de interagirem com diferentes objetos de conhecimento, mediados pela leitura, tais como livros, textos e atividades de escrita, que trazem a palavra de outros sujeitos.

O *corpus* foi constituído por trinta textos escritos, em sala de aula, a partir de uma consigna com oito questões, no dia 18 de novembro de 2015, por uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental de escola pública municipal de Belém-PA.

Para fins de análise, os textos foram agrupamos em três categorias: (1) quando a criança apresenta uma ‘imagem de texto’, evidenciando uma leitura icônica; (2) quando o texto se apresenta como um ‘complemento às questões’, constituindo-se em um rótulo, cuja leitura prescinde da consigna; (3) quando o texto da criança se apresenta ‘autônomo’, seja porque o sentido do texto se faz completo e independente da leitura da consigna, seja porque traz elementos novos para além da resposta às questões.

Em uma perspectiva dialógica, reconhecemos o texto da criança como uma resposta que ela deu, por escrito, à atividade proposta pela professora. E, como uma atitude responsiva, procuramos levantar questões e construir uma sistematização, fundamentada em Geraldí (2013), a partir dos elementos que se repetem e se diferenciam em cada texto.

Do conjunto de textos analisados, apresentaremos quatro textos escritos por crianças de oito anos, cada um apresentando características distintas e algumas peculiaridades que demandam uma resposta do professor.

Escrita de texto como resposta a questões

O discurso resulta da atividade humana e social de se comunicar por meio de uma diversidade de textos, sejam eles orais ou escritos. Para Bakhtin (2009, p. 116), “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social a qual pertence o locutor”.

Assim sendo, entendemos que o texto que a criança escreve depende de suas escolhas, como autor, em função de seu interlocutor, que é o professor. Assim, a análise de textos deve considerar o contexto de produção, os interlocutores da interação e as condições de produção do texto.

O açaí é um fruto muito consumido em Belém. Escreva um texto contando como você toma açaí. Onde você toma açaí? Quando você toma açaí? Com quem você toma açaí? Como é o açaí? De onde vem o açaí que você toma? Quem é que produz o açaí? Qual é o preço do açaí em seu bairro?

Figura 01: Consigna-questões à atividade de escrita. SEMEC/CFP, 2016.

No que se referem às condições de produção do texto, a escrita de texto se baseou na leitura de oito questões, sendo uma indireta e sete diretas, sobre o açaí, que é um alimento da culinária paraense, portanto pertencente à cultura das crianças, cujo tema é de seu conhecimento (Figura 01). Pode se verificar que a consigna indicou o tema do texto: ‘o açaí’.

A consigna da atividade iniciou com uma afirmação e solicitou a escrita de “um texto contando como você toma açaí”. De modo que a consigna, ao não apontar para a escrita de um gênero textual específico, deixou a questão aberta, à escolha da criança, mas definiu o tema, tendo por pressuposto a ideia de que todas as crianças tomam açaí.

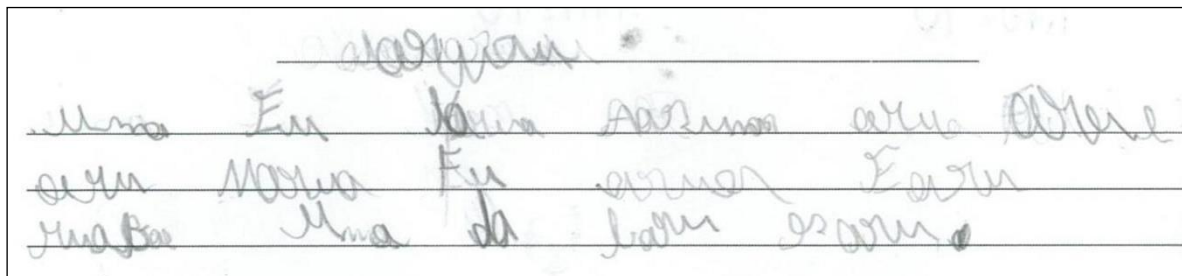


Figura 02: Texto-resposta de Bárbara, 8 anos. SEMEC/CFP, 2016.

A escrita de Bárbara (Figura 02), com um título e três linhas, embora apresente características formais próprias dos textos e faça uso de letras do alfabeto e espaçamento na escrita de supostas palavras, o sentido não pode ser recuperado pelo leitor apenas a partir do que foi grafado no papel. Bárbara ainda não completou o conhecimento do sistema de escrita alfabética. No contexto da sala de aula, carecia que a professora solicitasse a ela que lesse o que escreveu, para que o texto se tornasse conhecido.

Em escritas, como a de Bárbara, entendemos que a criança apresenta uma ‘imagem de texto’, evidenciando uma leitura icônica, pois do modo como foi escrito, o texto não está legível para outro leitor da língua portuguesa. O que temos que ensinar a essa criança? Para Bárbara, devem ser criadas condições para que se aproprie do sistema de escrita alfabética.

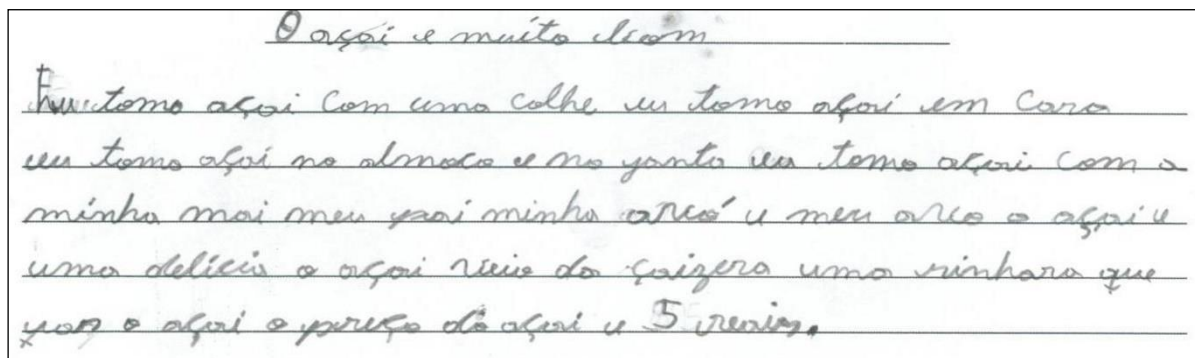


Figura 03: Texto-resposta de Brayan, 8 anos. SEMEC/CFP, 2016.

Brayan, no texto acima (Figura 03), escreveu um texto, em cinco linhas e um título, sobre o tema solicitado na atividade de escrita. De modo geral, as crianças responderam em seus textos parte das questões. Mas Brayan respondeu as oito questões da consigna, como se vê na Tabela 1. De modo que a criança interagiu com o escrito, compreendeu o que leu e respondeu às questões atendendo ao solicitado.

Brayan estabeleceu diálogo com as questões da consigna e as respondeu sem acréscimo de elementos que a extrapolassem. Seu texto se apresenta como um ‘complemento às questões’, pois as informações seguem a mesma ordem das questões da consigna, constituindo-se em um rótulo, cuja leitura parece não se desprender da consigna.

As questões (Tabela 1) serviram de apoio para Brayan, fazendo a mediação para sua escrita. Nas duas primeiras linhas, o enunciado “Eu tomo açaí” (l. 1 e 2) foi escrito quatro vezes,

caracterizando uma repetição (GERALDI, 2013). Porém, a criança não ousou à diferenciação (GERALDI, 2013). Ainda que ele tenha atendido ao solicitado na consigna, seu texto se encontra marcado pelo molde que as questões direcionaram. Como fazer para que crianças, como Brayan, que já sabem ler e escrever um texto compreensível ao leitor, possam produzir textos mais autorais que se desprendam do solicitado? Essa é uma questão que cabe ao seu professor responder.

Questão	Texto-resposta do Brayan
(1) Como você toma açaí?	“Eu tomo açaí com uma colher”. (1.1)
(2) Onde você toma açaí?	“Eu tomo açaí em casa”. (1.1)
(3) Quando você toma açaí?	“Eu tomo açaí no almoço e no jantar”. (1.2)
(4) Com quem você toma açaí?	“Eu tomo açaí com minha mãe, meu pai, minha avó e meu avô”. (1.2 e 3)
(5) Como é o açaí?	“O açaí é muito bom”. (título) “O açaí é uma delícia”. (1.3 e 4)
(6) De onde vem o açaí?	“O açaí vem do açazeiro”. (1.4)
(7) Quem é que produz o açaí?	“Uma senhora que faz o açaí” (1.4 e 5)
(8) Qual é o preço do açaí?	“O preço do açaí é 5 reais”. (1.5)

Tabela 01 – Análise do texto-resposta às questões da consigna – Fonte: SEMEC/CFP, 2016.

Diferentemente de seu colega Brayan, Renan, no texto acima (Figura 04), escreveu um texto, em quatro linhas e sem título, sobre o tema solicitado na atividade. Das oito questões da consigna, a criança respondeu apenas duas: “Como é o açaí?”, cujo texto-resposta traz: “Ele é uma frutinha pequena” (Renan, l. 2) e “De onde vem o açaí?”, para a qual escreveu: “ele vem do açazeiro e também vende perto de casa” (Renan, l. 3 e 4), configurando uma repetição (GERALDI, 2013).

No entanto, Renan ousou à diferenciação (GERALDI, 2013), ao escrever na primeira linha: “Eu não tomo açaí porque é gosmento”. Ele posicionou-se contrário a suposta ideia criada pelo texto de que “todos paraenses gostam de açaí”, podemos dizer que ao escrever seu texto, ele transgrediu a resposta esperada.

Figura 04: Texto-resposta de Renan, 8 anos. SEMEC/CFP, 2016.

Outras crianças, assim como Renan, apresentaram diferenciação em seus textos, como se vê no texto de Karolina (Figura 05), que ao escrever título: “O açaí de Belém”, Karolina destacou a procedência do produto. No texto com catorze linhas, na introdução, ela escreveu: “Era uma vez o açaí. O açaí é uma comida que toda pessoa come. Toda a minha família toma

o açaí” (Karolina, 1.1, 2 e 3), cujo texto responde a uma questão que não contava na consigna: “O que é açaí?”. Isso evidencia um discurso interior.

Em uma abordagem bakhtiniana, o homem é um ser de linguagem que se constrói e se desenvolve a partir dos signos sociais, nas relações sociointeracionais, agindo internamente sob a lógica destas relações, das quais emergem gestos singulares (FARACO, 2007), tal qual se mostrou no texto de Karolina.

O Açaí de Belém

Era uma vez o açaí, o açaí é uma comida que toda pessoa come, toda família faminha toma o açaí. toda vez que eu como eu como na minha casa a minha mãe sempre compra o açaí dia de sábado, o açaí eu como com água farinha leite minha família às vezes vai na minha casa para tomar açaí em família o açaí é bem branco bem vermelho o açaí tem de uma variedade de açaí as pessoas sabe mas algumas de açaí e beringa o açaí leite para leite eles levam o açaí e levam numa máquina de açaí, o preço do açaí no meu bairro é 4,00 reais e a minha família gosta muito de açaí.

O açaí de Belém.
fim

Figura 05: Texto-resposta de Karolina, 8 anos. SEMEC/CFP, 2016.

Questão	Texto-resposta da Karolina
(1) Como você toma açaí?	“O açaí eu tomo com açúcar e farinha.” (1.5)
(2) Onde você toma açaí?	“Toda vez que eu tomo eu tomo na minha casa.” (1.3 e 4)
(3) Quando você toma açaí?	“A minha mãe costuma comprar o açaí dia de sábado.” (1.4 e 5)
(4) Com quem você toma açaí?	“Toda a minha família, às vezes, vai na minha casa para tomar açaí em família.” (1.6 e 7)
(5) Como é o açaí?	“O açaí é bem bonito, bem roxinho.” (1.8)
(6) De onde vem o açaí que você toma?	“O açaí vem de uma árvore de açaí.” (1.8 e 9)
(7) Quem é que produz o açaí?	“As pessoas sobem nas árvores de açaí e pegam o açaí, levam para loja. Eles lavam o açaí e batem numa máquina de açaí.” (1.9 e 12)
(8) Qual é o preço do açaí?	“O preço do açaí no meu bairro é 4,00 reais.” (1.12 e 13)

Tabela 02 – Análise do texto-resposta às questões da consigna – Fonte: SEMEC/CFP, 2016.

A menina iniciou seu texto com a expressão “Era uma vez” (Figura 05) que é muito usada por crianças no início de narrativas em alusão aos contos de fadas. E, no final do texto, ela retomou uma ideia já trabalhada no texto: “A minha família gosta muito de açaí” (1.13 e 14). Tanto o início quanto o final do texto trazem modos de diferenciação (GERALDI, 2013). Além disso, assim como Brayan, Karolina respondeu a todas as questões (Tabela 02). Porém, ela não seguiu no texto a mesma ordem das questões da consigna, Karolina modificou a ordem das informações no texto que produziu. Isso indica uma escrita autoral.

Na análise, encontramos uma heterogeneidade discursiva nos textos infantis. Para uma mesma consigna, verificamos quatro textos com características distintas. Fundamentada em Bakhtin, Authier-Revuz (2004) explica que “o sentido de um texto não está, pois, jamais pronto, uma vez que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis: pensa-se, evidentemente, na leitura plural” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 26).

Constatamos, com o estudo, que o discurso do outro, presente na consigna, mediou e constitui o discurso da criança em seu texto, ora apresentando-se como ‘molde’, nas atividades de repetição, e ora servindo de apoio para formas de diferenciação.

Para concluir

Tratando-se de uma atividade escolar, a resposta a ser dada pelo professor à turma, compreendendo as marcas do trabalho de escrita da criança, também deve ser diverso. A título de sugestão, entendemos que crianças que escrevem como:

- Bárbara, devem ser trabalhadas para que aprendam a escrever conforme o sistema de escrita alfabética;
- Brayan, devem ser incentivadas a trazer para seu texto elementos que extrapolem a consigna, tornando-o mais autoral;

- Brayan, Renan e Karolina, que escrevem demonstrando compreensão do sistema de escrita alfabética, devem ser trabalhados, tendo em vista a revisão do texto, em aspectos ortográficos, recursos coesivos e pontuação.

O que cada criança precisa, neste momento de escolarização, aprender? Esta é uma questão necessária que se coloca entre a leitura e a escrita no dialogismo que emerge das práticas escolares.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Revisão Técnica da Tradução L. B. Barbisan e V. N. Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

FARACO, C. A. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C. A. et al. **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2007. p. 97-108.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e letramento**: perspectivas linguísticas. Campinas: Mercado de Letras, 2006.